

Para além de sua função primeira, a de saciar a fome e garantir a sobrevivência, a comida adquire, nas mais diversas configurações sociais, dimensões simbólicas e inequívoco poder de significação, constituindo-se como um dos mais reveladores elementos de práticas culturais elaboradas ao longo dos tempos. Participando de rituais sagrados ou de sofisticadas cerimônias profanas, congregando afetos ou desafetos em torno de mesas rudes ou requintadas, sinalizando poder ou rebeldia, entre tantas outras possibilidades, a comida será sempre índice poderoso do comportamento humano, revelando múltiplas visões de mundo e intensas construções imaginárias. Não será, pois, por acaso que vários campos do saber, da história à semiologia, da antropologia à psicanálise, da geografia à sociologia, revelem interesse e se debruçam sobre o modo como os homens lidam com o alimento, sobre a maneira como transformam esta necessidade básica em complexa atividade cultural. Evidentemente, por sua especial percepção da realidade e por sua qualidade de partilhar de outros saberes, não escaparia à arte de modo geral, e à literatura em particular, a utilização da comida como tema privilegiado a ser permanentemente retomado, por sua provocadora possibilidade de representação e por sua inesgotável capacidade de produção de sentidos.

Os textos reunidos neste número da *ABRIL* evidenciam exatamente essas instigantes relações entre a literatura e a comida, no âmbito da literatura portuguesa, delineando um percurso que vai da Idade Média à época contemporânea e propondo reflexões sobre diferentes aspectos concretos ou simbólicos ligados à atividade da alimentação humana. Assim é que, da observação das representações da comida na prosa e no teatro medievais, com destaque para a ideologia da retórica que sustentava tais representações, como bem nos esclarece Maria do Amparo Maleval, podemos passar para a percepção de conotações inesperadas, ligadas, antes de mais, ao prazer certamente erótico, na leitura que Luís Maffei nos apresen-

ta de manjares e banquetes d'Os *Lusíadas*, não sem antes percorrermos o rico panorama que Maria Alzira Seixo nos oferece da gastronomia representada em textos portugueses de épocas diversas, juntamente com instigantes comentários sobre o universo linguístico presente nos cardápios de restaurantes, que parecem transferir para as palavras escritas os sabores da arte culinária. E se, como não poderia deixar de ser, Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós são dois dos autores citados no artigo da ensaísta portuguesa, são eles também, respectivamente, objeto de investigação dos textos de Henrique Marques Samyn e José Roberto de Andrade, o primeiro levantando questões ligadas ao culto romântico à magreza feminina, índice idealista de elevação espiritual, e o segundo centrando seu olhar sobre o jantar oferecido pelo Conselheiro Acácio, em *O Primo Basílio*, exemplo metonímico da crítica queirosiana sobre os costumes e a mediocridade da sociedade lisboeta do século XIX.

Igualmente reunindo comida e crítica, a literatura neorrealista, objeto central do ensaio de Michelle Beraldo Matter, radicaliza a proposta contida no discurso eciano e aponta, sobretudo, para o alimento como falta, em denúncia de contrastes sociais em que a fome de muitos é o avesso da riqueza de poucos. Este mesmo contraste entre escassez e fartura é retomado, sob outra perspectiva, no texto de Sabrina Sedlmayer que, privilegiando a comunicação entre comida, subjetividade e memória, passeia por fragmentos das obras de diferentes autores, propondo uma costura entre os temas observados e aspectos da filosofia de Walter Benjamin. De certa forma, poderíamos dizer que os artigos de Mariana Caser da Costa e de Mariana Neto Andrade, apesar de caminharem por vias muito diferenciadas, também tratam, sobretudo, de relações entre comida e a recriação subjetiva da memória: o primeiro ensaio, ao comentar o lugar privilegiado que a culinária ocupa na espécie de testamento afetivo e memorialístico em que se constitui o livro *Meu Porto*, de Mário Cláudio; o segundo ensaio, ao considerar o valor metafórico do jantar de Natal frustrado, ponto de partida da narrativa e cena insistentemente reiterada em *O Esplendor de Portugal*, de António Lobo Antunes, resumo emblemático de complexas e arruinadas experiências afetivas. Em outro sentido encaminha-se o texto de Aderaldo Ferreira de Souza Filho, que analisa poemas de Fiama Hasse Paes Brandão, para quem as imagens se constituiriam como o próprio alimento da poesia, como território de libertação indispensável à criação de uma linguagem essencialmente poética: nos poemas de Fiama, não são necessariamente as imagens da comida que contam, mas a ideia de que a imagem é, ela própria, comida.

Como se pode notar, variadas são as propostas contidas nesses ensaios, variadas e instigantes são as maneiras pelas quais o tema sugerido foi abordado. No entanto, não só de ensaios se fez este número da *ABRIL*. Dele consta também uma seção literária que contém um texto de Mário Cláudio e uma breve antologia poética organizada por Gilda Santos. O texto de Mário Cláudio fala-nos das famosas tripas à moda do Porto, iguaria

também conhecida pelo nome de dobrada, que Fernando Pessoa nos fez tão bem conhecer em famoso poema e que, em alguns dos ensaios acima referidos, é também mencionada. Com sua escrita extraordinária e inconfundível, Mário Cláudio descreve os ingredientes, levanta hipóteses sobre a origem do prato, imagina sua preparação desde tempos antiquíssimos. Com suntuosidade e poesia, em texto breve, redimensiona com brilho o tema da comida, exemplificando, na prática literária, o que alguns dos artigos descreveram ou teorizaram.

Da mesma forma, os poemas selecionados por Gilda Santos nos permitem ler e sentir múltiplas faces das ligações humanas com o alimento, associado, pelos poetas eleitos, a sensações e sentimentos que nos atravessam a existência e a memória. Com generosidade, Gilda Santos partilha conosco parte de sua bagagem literária e afetiva, oferecendo, ao mesmo tempo, o prazer da leitura.

Completa o percurso proposto pelo tema da comida a entrevista concedida à *ABRIL* pelo professor, ensaísta e crítico Carlos Reis, na qual, com a pertinência e a clareza que lhe são próprias, são apresentadas esclarecedoras reflexões sobre alguns dos aspectos essenciais à questão, destacando o percurso literário português.

Por fim, contamos ainda com duas excelentes resenhas: a de Teresa Cristina Cerdeira sobre o último romance de Helder Macedo, *Tão longo amor, Tão curta a vida*, e a de Otavio Meloni sobre o livro de Mia Couto, *E se Obama fosse africano?*

Agradecemos a todos que conosco colaboraram, participando deste número 12 da Revista *ABRIL*, e esperamos que os textos aqui publicados ampliem discussões já existentes, tanto quanto provoquem novas ideias e novas leituras, contribuindo para manter vivo o diálogo em torno da literatura e de suas inesgotáveis possibilidades.

*Dalva Calvão*  
*Monica Figueiredo*